

IMAGINÁRIOS DA PAISAGEM: TRANSFIGURAÇÕES DO OLHAR E DO ESPAÇO

Erick Gontijo Costa¹

Fernanda Cristina de Campos²

Gaston Bachelard, em seu livro *A poética do espaço*, afirma que o espaço é delineado pelo poeta a partir das novidades trazidas pelas imagens. E são as imagens poéticas que perturbam as noções de espacialidade, fomentando a imaginação dinâmica dos leitores. Os poemas são como portas que se abrem para a fruição de imagens que reconstróem paisagens em dimensões amplas, reconduzindo a novas grandezas espaciais. É assim que recolhemos da poesia paisagens transfiguradas em recantos íntimos, as quais nos proporcionam conhecermos a solidão dos poetas, assim revelado nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen:

OS DEUSES

Nasceram, como um fruto, da paisagem.
A brisa dos jardins, a luz do mar,
O branco das espumas e o luar
Extasiados estão na sua imagem.

(ANDRESEN, 1974, p. 31)

Não apenas admiramos os espaços forjados pela linguagem poética, mas desfrutamos das paisagens desenhadas como se fossem nossas criações. Fazemos da leitura o nosso expediente poético, contemplando na linguagem os mais diversos espaços inimagináveis. Como bem coloca Gaston Bachelard, habitamos na paisagem literária “pela graça da imagem, como se habita uma imagem que está na imaginação”. (BACHELARD, 2012, p. 230). A imaginação se avoluma na linguagem, fazendo com que traços geométricos delineiem paisagens sonhadas, não apenas refiguradas pela memória, mas dadas pelos devaneios do poeta: “a palavra não basta, a ideia não basta, é preciso que o escritor nos ajude

¹ Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UFMG).

² Professora do Colégio de Aplicação da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia – Eseba-UFU, pesquisadora e coordenadora do Grupo de Pesquisa Poéticas e Imaginário – POEIMA – Instituto de Letras e Linguística – ILEEL, da Universidade Federal de Uberlândia.

a *inverter o espaço*, a afastar-nos daquilo que gostaríamos de descrever para melhor viver a hierarquia do nosso repouso”. (BACHELARD, 2012, pp. 230 - 231).

As paisagens literárias são retomadas a partir do contato com as imagens poéticas que proporcionam as mais puras experiências com a linguagem. E não se trata de uma cópia dada. Não se trata de uma reduplicação do que foi visto e observado. É uma nova descoberta manifestada pelo espetáculo das novas imagens trabalhadas. O espaço é reconfigurado pela nova da criação poética.

Em sua topofilia fenomenológica, Gaston Bachelard destaca a necessidade de os espaços imaginados estarem ligados aos compassos da geometria dos cenários íntimos, os quais estão primordialmente relacionados à imaginação. A linguagem poética produz uma topografia de espaços particulares que são desenhados pela força dinâmica da imaginação, como a imagem da casa, do porão, do sótão, das gavetas, das conchas, dentre outras. É nesse sentido que tomamos a literatura como a mais autêntica produtora de espaços poéticos que não são apenas oferecidos aos leitores como impressões, mas realidades vivenciadas pela potência da poesia, como afirma Bachelard: “os poemas são realidades humanas; não basta referir-se a “impressões” para explicá-las. É preciso vivê-las em sua imensidão poética”. (BACHELARD, 2012, p. 214).

A partir do pensamento do fascínio da imagem literária, Maurice Blanchot afirma ser o olhar “atraído, arrastado e absorvido num movimento imóvel e para o fundo sem profundidade”, (BLANCHOT, 2011, p. 24) consequência de um arrebatamento que nos desliga de nosso mundo para sermos transportados para o espaço literário. Por meio da imagem, outros espaços são recolocados e não mais guiados por funções referenciais pré-estabelecidas, mas pela impessoalidade da paisagem literária, cujo olhar se mantém neutro. Essa neutralidade é própria da imagem transfigurada no denso dizer da poesia que suspende toda significação que deseja ser definidora e fechada:

na imagem, o objeto aflora de novo algo que ele dominara para ser objeto, contra o qual se edificara e definira, mas agora que seu valor, seu significado, estão suspensos, agora que o mundo abandona à ociosidade e o coloca de lado, a verdade nele recua, o elementar reivindica-o, empobrecimento, enriquecimento que o consagram como imagem”. (BLANCHOT, 2011, p. 280).

A imagem é a materialidade daquilo que é posto pela linguagem poética, compondo assim espaços capturados por elementos que nunca foram. Dessa forma, o que valida esses espaços é a sua persistência no tempo e no cosmos, banhada pela experiência do poeta e do

leitor. É a imagem que orienta o leitor pelos caminhos estreitos do poema, tornando evidentes as noções de espacialidades dentro do poema, oscilando entre o que é e o que não é, transpondo para o imaginário lugares nunca antes pensados.

A desfiguração das paisagens trazida pela poesia moderna não só nega a mimesis imposta pelos cânones como revela a mais pura necessidade de criação que é a exposição particular de vivências expostas no expediente poético, como afirma Michel Collot: “na arte e na poesia moderna a paisagem aparece frequentemente “desfigurada”, porque não se submete mais aos cânones da figuração; contudo é para ser refigurada, segundo o ponto de vista de um sujeito criador, e/ou configurada, segundo uma organização que não tem mais nada de “realista”, que se revela mais abertamente lírica ou estética”. (COLLOT, 2015, P.19).

Segundo Collot, não estava mais em jogo retratar espaços reais, marcados pela história e pela memória. Era crescente a necessidade de expor o que não era apenas visto, mas sentido, repensado e reimaginado pelas imagens poéticas. A Literatura voltava-se para a necessidade de revelar mundos ocultos na solidão ou na solitude da linguagem. Os espaços não eram apresentados apenas pelo olhar, mas por outras perspectivas, como a memória afetiva reconfigurada pelas sensações. O puro espetáculo ocular era abandonado em detrimento a uma nova forma de olhar o mundo, configurado por outros sentidos ligados ao corpo e à alma. Essa nova configuração da arte “não se dá somente a ver, mas a ser sentida e vivenciada”. (COLLOT, 2015, p. 20).

Na esteira desses estudos, percebemos que o espaço e a paisagem, como complexas categorias da literatura e das demais artes miméticas, exigem permanentes reelaborações da crítica. É o que propõe este dossiê, ao expor possíveis operações imaginárias dos espaços poéticos em diferentes manifestações literárias. Em cada artigo em exposição, revisitamos a imaginação de diversos escritores, por meio do trabalho da linguagem que expande os elementos numa fusão original do mundo, capaz de deformar e reformular as paisagens por meio de sensações criadoras dos poetas e dos leitores.

O primeiro artigo, “*Le voyage en Amazonie dans le cinéma contemporain : un regard exotique ?*”, de Catarina Bassoti, investiga o imaginário da América Latina, especialmente o da Amazônia, a partir de dois filmes contemporâneos: “*The Lost City of Z*” (James Gray, 2015) e “*El abrazo de la serpiente*”, (Ciro Guerra, 2014). Lembrando que as viagens à região sempre foram marcadas por um olhar exótico e mercantilista, o que levou à espetacularização da paisagem e uma integração cultural tensa, a autora estuda as estratégias

estéticas e narrativas que constituem esses dois tipos de olhar sobre a região: “*Notre hypothèse est qu'il est possible d'identifier au moins deux types différents de mise en scène du voyage impliquant la figure du regard dans la construction d'une perspective de monde - d'une idéologie, au sens marxien du terme. Il s'agit d'emblée d'une posture exotique, qui éloigne le spectateur à travers la spectacularisation du paysage; à laquelle s'oppose une posture d'intégration, où la mise en tension entre les corps, les regards et les espaces finit par définir ces derniers comme des espaces habitables*”.

No artigo “Roma nas Elegias Romanas de Gabriele D’annunzio”, Fabiano Dalla Bona investiga as representações do espaço na obra de D’Annunzio, concebendo uma leitura do espaço poético, em especial, da *urbs* romana, como cerne de toda a criação lírica da poesia de Gabriele D’Annunzio. As primeiras visitas desse poeta à Roma se deram por meio das vivências colhidas pela poesia. Pelo estudo feito, percebe-se que Gabriele D’Annunzio colheu dos poetas que o antecederam as primeiras sensações imagéticas que formaram a base de sua toponálie acerca da capital romana. Destacam-se, nas análises, o entrelaçamento das imagens direcionadas ao ambiente citadino tão assediadas pelo poeta italiano ao longo de sua obra. Para isso, explora a configuração da paisagem como sensação do espaço, o surgimento da elegia no contexto espacial de Roma, a visualidade nas representações poéticas, a exemplo da éfrase, pensando o “simbolismo pictórico-narrativo” da paisagem. Dentre os aspectos trabalhados, o autor pontua a relação paisagem-espírito, quando a paisagem é concebida como projeção das emoções, e explora a aproximação na poesia de Gabriele D’Annunzio entre a cidade e a amada: “As imagens de Roma que D’Annunzio oferece em suas *Elegias* e em *Il Piacere*, distantes anos luz do moralismo das leis augusteias, retratam o fascínio pela Urbe como incindível do amor sensual”.

Em “A figura da velha fiandeira na tessitura de caminhos na obra A princesa e o Goblin de George Macdonald, Gabriela Soncini faz uma leitura da personagem “Velha Senhora”, da obra *A princesa e o goblin*, do autor em questão, mostrando como “a personagem influencia de forma misteriosa os espaços e caminhos da história”. Ao trabalhar com o arquétipo da fiandeira, Soncini analisa elementos da narrativa, recuperando a simbologia bachelardiana da casa: “A casa é um arquétipo sintético, um arquétipo que evoluiu. Em seu porão está a caverna, em seu sótão está o ninho, ela tem raiz e folhagem”. Percebe-se um impulso da imaginação dado a cada reconfiguração das paisagens, fazendo ressoar a novidade mítica por meio das imagens poéticas que se manifestam em sensações e repercussões sentimentais: “Ao chegarem às portas triplas da existência, talvez ali encontrem a

velha senhora fiandeira, que fia com teias de aranha do além mar, um fio imperceptível, que ajudará a transpor as profundezas e as quedas, transformando-as em descidas conduzidas pelo fio mágico, para subir então nas montanhas sagradas”.

Ida Alves, em “Miguel Torga e sua geografia nativa: paisagens inscritas”, investiga como a região natal do escritor português foi redimensionada em sua escrita: “Na relação de Torga com essa paisagem, poderemos examinar determinadas linhas de compreensão de sua obra literária humanista e ética. Não à toa, em seu pseudônimo autoral, destaca-se “torga”, vegetação de montanha que se agarra às rochas, com suas raízes fortes e caule retilíneo, assim como sua escrita profundamente ligada à paisagem rural transmontana, agreste e rigorosa, mas profundamente sensível ao humano em sua miséria ou grandeza”. Nas articulações entre terra, homem e palavras, a autora reconhece a imagem da “raiz” como reveladora do empenho literário do escritor para promover uma escrita ligada à terra. Vê-se que em Torga a paisagem não só marca cenários e ambiente de sua vivência, mas reconfigura o seu estar no mundo, marcado até mesmo pela escolha de seu pseudônimo. Pela íntima ligação com a geografia nativa, espaços amados pelo poeta português são redimensionados em sua obra, envolvendo o leitor, como bem afirma Ida Alves, em uma fruição que reflete “um *pensamento-paisagem* fundamental para compreender o compromisso desse escritor com o mundo que o viu nascer e que trasladou para suas obras”.

“Uma viagem rumo aos outros cantos rezendianos”, de Isabela Rodrigues Lobo, é um estudo do tema viagem em *Outros cantos*, de Maria Valéria Rezende, que não se faz sem a perspectiva temporal. Mergulhada em suas sensações, a protagonista-narradora empreende reflexões acerca de espaços demarcados não por descrições constituidoras de espaços, mas por uma trama que se revela no redimensionado dos espaços colocado pelas primeiras impressões. Maria faz-se “uma narradora-viajante com pretensões a heroína, mito ou mártir, que objetiva eclodir uma revolução (ao se infiltrar) no sertão, em plena ditadura militar no país. Essa questão é o cerne, o ponto de mira da narrativa”. O sertão ganha uma nova reconfiguração de paisagem que ensina, provocando também sensações de não pertencimento à atmosfera posta. Logo, a protagonista percebe a inversão da conquista e, de heroína, vê-se enredada pelos espaços poéticos que tanto fascinam Maria, manifestando um “processo aprendizado, no qual a narradora começa a compreender, desde o básico, sobre os modos de viver daquele local. As tarefas e atividades triviais assumem outras dimensões”. Para esse estudo, a autora retoma ficcionistas e críticos que se ocuparam do tema viagem no Brasil.

Karla Renata Mendes, em “A casa e a estrela”: Cecília Meireles e a crônica de um encontro”, elege um dos temas mais ricos em Cecília Meireles, suas impressões de viagem: “Tratam-se de textos que revelam uma Cecília Meireles viajante pelos mais diferentes lugares do mundo, em contato com diferentes espaços, culturas, povos e experiências”. A autora do artigo registra que ao colher imagens de paisagens, pessoas e lugares, transformando-as em narrativas, Cecília Meireles punha-se a refletir sobre a condição humana. Ao recuperar a figura do “triste pastor”, Tomás Antônio Gonzaga, por exemplo, “a cronista reconstrói a história de Gonzaga, tentando preencher os vazios que aquela visita fomenta. Assim, estabelece-se um diálogo entre passagens da vida de Gonzaga, suscitadas pela observação daquela casa e daquelas paisagens, e fragmentos de suas Liras, mantendo uma relação indissociável entre sua arte e seu destino”.

O artigo “O menino e sua mãe: olhares poéticos em Memórias Inventadas”, de Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira e Rita de Cássia Lima Ramos, propõe-se a falar do espaço e de seus moradores, em especial, da figura feminina, poesia de Manoel de Barros, evocando a infância e a memória. Por meio de imagens dinâmicas e poéticas, o poeta destaca tanto as mulheres de seu convívio nas figuras marcantes de sua mãe e avó como outras mais distantes como a moça Maria-pelego-preto, cujo interesse era marcado pela excentricidade e a miséria. Cada constituição dada ao feminino era marcada pelas impressões que dialogam intensamente com as paisagens das infâncias do eu lírico: “essas mulheres não são caracterizadas como loiras ou morenas, altas ou baixas, gordas ou magras, e sim *mulheres-mulheres*, com traços particulares, dos quais o eu lírico se apropria e usa palavras para compô-las, tornando-as breves musas”. Entre pássaros, rios e árvores, surge, também, o espaço da cidade, esclarecido principalmente pelo olhar materno: “Ao se deparar com as novidades da cidade, é na figura da mãe que as dúvidas são sanadas, pois seus olhos mostram o *novo* aos olhos do filho, descortinando o espaço e a cultura”.

“Poder, corrupção e desilusão: o espaço e a espacialidade da linguagem no conto O Elevador, de João Melo”, de Renata Cristine Gomes de Souza, põe em questão as implicações da espacialidade articulada aos demais elementos da narrativa, como as personagens, demonstrando “como esse elemento reflete processos de violência, desilusão e resistência”. Além do espaço, as paisagens também ganham relevo na urdidura do conto luandense. Conjugado tais elementos, tem-se “uma perspectiva da representação da crise na urbe fictícia, muito tributária da real, tornando evidente a representação de uma sociedade que vive os impactos da guerra, do neocolonialismo e do capitalismo”.

Com este dossiê, a Revista *Téssera* espera contribuir com as recentes pesquisas das Teorias do imaginário, elucidando os múltiplos aspectos em jogo na espacialidade como categoria privilegiada em parte significativa da literatura e da poesia. Os autores deste número, ao investigarem a paisagem como transfiguração do espaço literário, revelam o pensamento latente nas imagens escritas e ampliam a percepção sobre o poético, demonstrando sua força e importância que atravessa obras e épocas.

Referências

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Dia do mar*. Lisboa: Edições Ática, 1974.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- COLLOT, Michel. “Poésie, paysage et sensation”. *Rev. de Letras* - No. 34 - Vol. (1) - jan./jun. – 2015 <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2400>